



Domine, quo vadis?: o paradigma do discernimento sob Pedro e Francisco de Roma

*Domine, quo vadis?:
the paradigm of discernment under Peter and
Francis of Rome*

Lucas Cordeiro Santos

Resumo

Muitas ações e imagens retratam de maneira expressiva o pontificado do Papa Francisco, seja sua personalidade, suas escolhas, seus exemplos e atitudes, entretanto, desde o início de seu pontificado, a exatos 10 anos, o discernimento e o discipulado mostraram-se o eixo central de sua ação pastoral. Diante desta constatação, este artigo busca evidenciar a importância do discernimento no pontificado de Francisco a partir das catequeses sobre o discernimento, pronunciadas entre agosto de 2022 e janeiro de 2023 e a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Ilustrando e dialogando com esta questão estará o tema do discipulado no evangelho de Marcos. A literatura marcana expõe uma trajetória muito particular da formação dos discípulos que gradativamente delineiam a identidade de Jesus. Entre avanços e retrocessos eles discernem a missão de Jesus. A partir deste diálogo entre Sagradas Escrituras e Magistério, o artigo confirma a ideia de que o discernimento é a alma do discípulo que aceitando sua vulnerabilidade, não desiste de colocar-se atrás de Jesus e segui-lo. Francisco, em seu pontificado, readmite esta mesma interpretação para a Igreja e confirma que é necessário discernir para onde o Senhor envia seus discípulos e missionários contemporâneos.

Palavras-Chave: Evangelização. Interioridade. Sagradas Escrituras.

Abstract



Many actions and images expressively portray the pontificate of Pope Francis, be it his personality, his choices, his examples and attitudes, however, since the beginning of his pontificate, exactly 10 years ago, discernment and discipleship have shown themselves to be the central axis of his pastoral action. Faced with this finding, this article seeks to highlight the importance of discernment in the pontificate of Francis from the catecheses on discernment, pronounced between August 2022 and January 2023 and the Apostolic Exhortation *Evangelii Gaudium*. Illustrating and dialoguing with this issue will be the theme of discipleship in the gospel of Mark. The Marcan literature exposes a very particular trajectory of the formation of the disciples who gradually delineate the identity of Jesus. Between advances and setbacks they discern the mission of Jesus. From this dialogue between the Sacred Scriptures and the Magisterium, the article confirms the idea that discernment is the soul of the disciple who, accepting his vulnerability, does not give up putting himself behind Jesus and following him. Francis, in his pontificate, readmits this same interpretation to the Church and confirms that it is necessary to discern where the Lord sends his disciples and contemporary missionaries.

Keywords: Evangelization. Interiority. Holy Scriptures.

Introdução

Há 10 anos subiu à sacada da Basílica de São Pedro o cardeal argentino Jorge Mario Bergoglio. Cujo nome escolhido foi Francisco. Diante das tempestades que sacudiam o mundo cristão, Francisco decidiu por abrir as portas da Igreja, cuidar de suas feridas mais profundas, expondo-as à sociedade. O que o motivou a fazer isso? Alguns poderiam afirmar que foi a inexperiência, outros a pressa e outros, a sua profunda intimidade com o Senhor.

Para este artigo, a terceira colocação parece ser a mais acertada, já que não se observa na ação de Francisco falta de planejamento ou de reflexão, senão que seus passos são guiados por um profundo discernimento da ação de Jesus para os dias atuais. Por isso, este artigo buscará evidenciar em suas seções, dois movimentos: o discernimento e o discipulado no seguimento de Jesus e o discernimento proposto para a Igreja por Francisco.

A chave de leitura deste texto será o episódio de Mc 8, 27-38, a pergunta pela identidade de Jesus, a profissão de fé de Pedro, o anúncio da Paixão, a interpelação petrina e a resposta de Jesus. Além disso, ampliando o horizonte da perícope, propor-se-á também a análise da *Cartilha do seguimento de Jesus no Evangelho de Marcos* de autoria do teólogo Carlos Mesters.

Illuminados pelas Sagradas Escrituras, serão analisados na segunda seção alguns pronunciamentos do Papa Francisco sobre o discernimento, com ênfase na *Evangelii Gaudium* e nas catequese sobre o discernimento. Elementos que fornecerão a visão do pontífice, à luz do Evangelho, para a contemporaneidade. A conclusão é simples: Francisco emoldura uma vez mais, agora diante do difícil quadro da contemporaneidade, o jeito de viver segundo Jesus e não segundo o que cada um desejaria de Jesus. Assim como Jesus esteve com os Doze para que eles, relacionando-se com Ele, reconhecessem a si mesmos, Francisco pede a todos que se relacionem com Jesus para conhecerem a si mesmos e daí viverem com assertividade as exigências da existência.

1. O discernimento é fruto do caminhar com Jesus

O discernimento, a partir da sucessão de acontecimentos, se apresenta como uma reflexão segunda, ou ainda, um exercício posterior sobre uma situação. Como o próprio Papa Francisco analisa em sua primeira catequese sobre o tema, “o discernimento apresenta-se como um exercício de *inteligência*, também de *perícia* e inclusive de *vontade*, para reconhecer o momento favorável: são estas as condições para fazer uma boa escolha.”¹ Nesta catequese são abordadas as parábolas do Evangelho de Mateus.² Aquele que encontra o tesouro escondido, enterra-o, vende seus bens para adquirir o campo que o contém, bem como, o que encontra a pérola de grande valor, vende seus bens para adquiri-la. Ambas as imagens são protótipos daqueles que se encontram com Jesus, deixam suas aspirações e buscam segui-lo.

Neste sentido, outra imagem é muito pertinente para apreciar o discernimento: o encontro com Jesus, o momento do chamado. Nisto os quatro Evangelhos são uníssonos, pois, relatam que Jesus chamou, ou seja, convocou pessoas para o seguir. Simão Pedro, André, Tiago e João³ revelam a dinâmica do encontro com Jesus, pois cada um, a seu modo e a partir do relato de cada evangelista, faz uma experiência de Jesus que transforma sua vida, deixando as tarefas do cotidiano, todos põe-se a segui-lo. Não sem motivo, a primeira catequese sobre o discernimento faz uma leitura cristológica e espiritual do encontro de André e João com Jesus:

Por exemplo, pensemos no primeiro encontro de André e João com Jesus, um encontro que nasce de uma simples pergunta: “Rabi, onde moras?” – “Vinde ver!” (Jo 1, 38-39), diz Jesus. Um diálogo muito breve, mas é o início de uma mudança que, passo a passo, marcará a vida inteira. Anos mais tarde, o Evangelista continuará a lembrar-se daquele encontro que o mudou para sempre, recordando-se até da hora: ‘Eram cerca das quatro

¹ FRANCISCO, PP., Audiência Geral de 31 de agosto de 2022

² Mt 13, 44-52

³ Mt 4, 18-22; Mc 1, 16-20; Lc 5, 1-11; Jo 1, 35-51

horas da tarde' (v. 39). Foi a hora em que o tempo e o eterno se encontraram na sua vida. E, numa decisão boa, certa, encontra-se a vontade de Deus com a nossa vontade; encontra-se o caminho atual com o eterno. Tomar uma decisão certa, depois de um caminho de discernimento, significa fazer este encontro: o tempo com o eterno.⁴

O encontro com Jesus é o marco fundamental de todo o discipulado, seja o dos apóstolos e discípulos que caminharam com Jesus, seja o atual, da sociedade contemporânea que, acreditando no testemunho destes mesmos discípulos, continua seguindo o Senhor. Por outro lado, o encontro do eterno com o tempo, que muda a vida do discípulo, é depurado num profundo processo de assimilação da figura e da missão de Jesus. Para compreender esta assimilação será necessário se aproximar da imagem do discipulado em Marcos, já que este evangelho, de maneira especial, caracteriza os discípulos como os personagens mais importantes do relato, após o próprio Jesus.⁵

Neste sentido, o itinerário mais interessante a ser levado em consideração não decorre do chamado dos discípulos numa apresentação “cronológica” do relato evangélico segundo Marcos, senão que vale a pena iniciar a partir da pergunta: “E vós, quem dizeis que eu sou?”⁶ feita no centro do Evangelho. Desta apreciação será possível retroceder ao chamado dos discípulos e às consequências do seguimento, acolhendo de uma maneira muito mais profunda e pertinente a próxima seção, o discernimento e o discipulado como forças motrizes do pontificado de Francisco.

1.1. “E vós, quem dizeis que eu sou?” (Mc 8, 29)

No caminho para Cesareia de Filipe, como atesta o Evangelho, Jesus questiona seus discípulos sobre sua identidade. Neste caminho Jesus pergunta aos seus discípulos o que os homens - multidão que viu seus milagres, as pessoas que se aproximavam dele pedindo curas - diziam sobre quem ele era. A resposta não é unívoca, uns afirmavam ser João Batista, outros Elias e ainda alguns afirmavam que ele era um profeta. É certo que o grau de comprometimento revela o conhecimento da identidade de Jesus: ele era um profeta para os distantes, pois tinha os contornos de grandes figuras da história daquele povo. No entanto, como aqueles homens estavam distantes de Jesus, não conheciam sua identidade.

Em seguida Jesus direciona a pergunta para os próprios discípulos, ou seja, àqueles que o seguiam já há algum tempo, que testemunharam seus feitos e que o conheciam em sua intimidade, na vivência cotidiana. Neste momento, Pedro responde: “Tu és o Cristo”.⁷ As palavras de Pedro evocam uma verdade sobre Jesus, ele é

⁴ FRANCISCO, PP., Audiência Geral de 31 de agosto de 2022

⁵ MASCILONGO, P; LANDI, A., Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 109.

⁶ Mc 8, 29

⁷ Mc 8, 29

verdadeiramente o Messias, o Ungido de Deus. Contudo, esta verdade enunciada por Pedro e que, curiosamente, não é trabalhada por Jesus no Evangelho de Marcos, mas tolhida, não abarca a profundidade do messianismo de Jesus, por isso, “Jesus impõe o silêncio, para evitar que o messianismo seja lido em termos nacionalistas ou triunfalistas”.⁸

Logo em seguida à resposta de Pedro, Marcos apresenta o primeiro dos três anúncios da Paixão de seu Evangelho quando Jesus diz: “O Filho do Homem deve sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos chefes dos sacerdotes e pelos escribas, ser morto e, depois de três dias ressuscitar”.⁹ Este anúncio da missão do Messias não constava entre as possibilidades messiânicas esperadas por Pedro e pelos demais discípulos, pois dentre as muitas imagens e projetos do Messias, “a doutrina oficial ensinava que o Messias seria glorioso. Jamais poderiam imaginar um messias crucificado”.¹⁰

Eis que tamanha incompreensão fez com que rapidamente Pedro repreendesse Jesus. A repreensão feita por Pedro retomava o verbo grego ἐπιτιμάω (*epitimaio*) que havia sido utilizado por Jesus para repreender o próprio Pedro sobre o messianismo de Jesus. Pedro não podia conceber que o Messias no qual ele depositava sua confiança sucumbiria numa cruz. Tal fim não coadunava com suas esperanças, na verdade, este projeto apresentado por Jesus no anúncio de sua paixão não estava de acordo com o projeto que Pedro - imagem por excelência de todo o discipulado em Marcos - tinha gradativamente construído a partir da convivência com Jesus e, principalmente, de suas esperanças de libertação e hegemonia política.

A resposta de Jesus é lacônica, seja pelos gestos ou pelas palavras escritas pelo evangelista: “Ele (Jesus), porém, voltando-se e vendo seus discípulos, recriminou (ἐπιτιμάω) a Pedro, dizendo: arreda-te de mim, Satanás, porque não pensas as coisas de Deus, mas as dos homens!”.¹¹ Aqui faz-se necessária uma intervenção cirúrgica nas palavras escolhidas para a tradução. A recriminação direcionada a Pedro é, uma vez mais, neste curto espaço da perícope, a repetição do verbo grego ἐπιτιμάω (*epitimaio*), ou seja, como a repreensão feita acima sobre a identidade de Jesus como Messias e, repetida, quando Pedro expõe o Messias que ele esperava, aquela personagem projetada em seu interior e a qual Jesus deveria se assemelhar.¹²

Outra sugestão de tradução que esclarece o sentido dos termos empregados recai sobre a expressão “arreda-te de mim, Satanás”,¹³ tradução próxima ao termo amplamente difundido da Vulgata, “*Vade retro me, Satana*”. Aqui, a expressão grega

⁸ MASCILONGO, P; LANDI, A., Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 86.

⁹ Mc 8, 31

¹⁰ MESTERS, C., Jesus, p. 81.

¹¹ Mc 8,33

¹² MATEOS, J; CAMACHO, F., Marcos, p. 215.

¹³ Mc 8, 33

Ἔπαγε ὀπίσω μου (*Ypage opiso mou*) designa uma ideia que pode ser mais bem traduzida pelo verbo *vai* e pela locução adverbial de lugar *para trás de mim*. Deste modo, a expressão correta e comumente aceita pelos exegetas para entender este versículo fica desta maneira: “vai para trás de mim, Satanás, pois não pensas as coisas de Deus, mas as dos homens”.¹⁴

A apreensão de Jesus a Pedro – sujeito coletivo de todos os discípulos – sublinha a necessidade de retorno ao ato inicial do seguimento. Pedro não está seguindo Jesus, senão que deseja que Jesus realize aquilo que o próprio Pedro e seus contemporâneos esperavam do Messias. Há uma má compreensão da esperança, pois ela não poderia estar alicerçada na função do messias, em suas conquistas e muito menos naquilo que eles desejavam dele. A esperança devia se concentrar no sujeito, deveria ser uma esperança no imperativo do deixar-se conduzir por este Tu que se desvela diante deles e, ao mesmo tempo, revelava a intimidade de cada um.¹⁵

Por isso, a opção por traduzir Ἔπαγε ὀπίσω μου (*Ypage opiso mou*) como “vai para trás de mim”, recorda outra perícopie na qual a expressão grega aparece: “Caminhando junto ao mar da Galileia, viu Simão (Pedro) e André, o irmão de Simão. Lançavam a rede ao mar, pois eram pescadores. Disse-lhe Jesus: Vinde em meu seguimento e eu farei de vós pescadores de homens. E imediatamente, deixando as redes, eles o seguiram”.¹⁶ Jesus, ao repetir a expressão ὀπίσω μου (*opiso mou*) retorna ao episódio da vocação de Pedro, daquele convite que fez com que ele deixasse tudo para seguir o Mestre ou, como afirmado por Francisco sobre a vocação de João, o momento no qual o tempo se encontrou com o eterno.

Assim, o postulado fundamental abordado na imagem de Pedro é o do discipulado e do discernimento, visto que não basta seguir Jesus, também é necessário, ao caminhar com ele, conhecê-lo e optar por sua missão. Não sem razão, o ambiente escolhido por Marcos para refletir a identidade de Jesus e os rumos de seu ministério é o caminho da Galileia à Jerusalém. É no caminho de seguimento e convivência com Jesus que os discípulos conseguem discernir o seu chamado e seguir o Mestre.

1.2. O itinerário do discipulado à luz da interpretação marcana de Carlos Mesters

No livro *Jesus, formando e formador*, o teólogo Carlos Mesters delineia um capítulo exclusivo para o conceito do discipulado no Evangelho de Marcos. Com o título *A cartilha do seguimento de Jesus no Evangelho de Marcos*, Mesters trabalha o conteúdo bíblico teológico de Mc 8, 22 - 10, 52 na ótica do esclarecimento e da formação dos discípulos, tanto no que se refere a identidade de Jesus como a sua missão. Visto que a perícopie analisada acima consta nesta seleção de Mesters, parece oportuno

¹⁴ Mc 8, 33

¹⁵ MARCEL, G., *Homo viator*, p. 72.

¹⁶ Mc 1, 16-17

reconhecer o caminho feito por este teólogo para, posteriormente, adentrar na temática do discernimento e do discipulado no pontificado de Francisco.

Mesters toma como delimitação de sua cartilha a cura de dois cegos. A primeira cura está em Mc 8, 22-26 e retrata a situação inicial dos discípulos. Mesmo em contato com Jesus, deixando-se conduzir por sua ação, eles não compreendem a realidade da maneira correta, eles não enxergam bem, como propõe a perícope. Já a cura de Bartimeu,¹⁷ que encerra o recorte do esquema defendido por Mesters, apresenta uma situação nova, visto que neste itinerário os discípulos ouviram por três vezes o anúncio da Paixão e foram instruídos de maneira paulatina por Jesus, seja por palavras ou por exemplos. Para entender a proposta de Mesters, faz-se necessário recorrer o conteúdo de sua cartilha.

Chegando a Betsaida, trazem um homem cego a Jesus. Ele toma-o pela mão, conduz para fora da cidade e opera a cura. No entanto, o cego diz: “Vejo as pessoas como se fossem árvores andando” (Mc 8, 24). Jesus outra vez toca nos olhos do cego que se vê reestabelecido. Sendo enviado para casa, Jesus o adverte: “não entre no povoado!”¹⁸ Esta personagem representa os discípulos de Jesus e a imagem apresentada evidencia que “Jesus quer tirar os discípulos da expectativa messiânica do ambiente judaico com a qual eles se identificaram por toda a vida e que lhes provoca a cegueira”.¹⁹

A ação de tomar o cego pela mão e conduzi-lo para fora da aldeia representa o imperativo do discipulado. Jesus tira os discípulos de seu mundo circundante, de suas projeções e tradições para inflar neles uma nova perspectiva de vida. Como na cena do cego, num primeiro momento não é possível uma nova situação, formar os discípulos leva tempo, abrir-lhes os olhos consumirá Jesus, em Marcos, até o relato da cura de Bartimeu. O relato procedente à cura do cego em Betsaida é o que foi analisado acima: a pergunta pela identidade de Jesus, a profissão de fé de Pedro, o primeiro anúncio da Paixão e a incompreensão dos discípulos.

Entre os anúncios da Paixão e a incompreensão dos discípulos acontecem as instruções necessárias para que os discipulados assumam, processualmente, o proceder de Jesus como o seu próprio proceder, desta forma sintetiza Carlos Mesters quando escreve:

No primeiro anúncio, Jesus diz que o discípulo deve negar-se a si mesmo, carregar a cruz atrás dele, perder a vida por amor a ele e ao evangelho, e não pode ter vergonha nem de Jesus, nem da sua palavra (Mc 8, 34-38). No segundo anúncio, pede que o discípulo se faça servo de todos e receba as crianças, os pequenos, como se fossem ele mesmo, Jesus (Mc 9, 35-37). No terceiro, pergunta se eles são capazes de beber o cálice que ele, Jesus,

¹⁷ Mc 10, 46-52

¹⁸ Mc 8, 26

¹⁹ MATEOS, J; CAMACHO, F., Marcos, p. 206.

vai beber, e ainda pede para não imitar os poderosos que exploram; mas deve imitar o Filho do Homem que não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate de muitos (Mc 10, 35-45). [...] O processo de formação dos discípulos foi lento e difícil, pois não é fácil fazer nascer nas pessoas uma nova visão de Deus e da vida.²⁰

Muitas perícopes internas ao recorte apresentado para esta subseção aprofundam o disposto por Mesters nesta citação. No entanto, diante da apreensão de que o caminho apontado pela cartilha de Mesters é do “conhecimento de Jesus e de sua obra como tarefa principal dos discípulos,”²¹ entende-se que tudo deve conduzir os discípulos à capacidade de enxergar com propriedade a realidade e o caminho trilhado por Jesus, caminho que deverá ser aquele aceito e trilhado por eles mesmos. Para compreender este elemento será necessário analisar a imagem da cura de Bartimeu.

Ao sair de Jericó, última cidade visitada por Jesus antes de chegar a Jerusalém, no caminho Jesus é abordado por um cego, Bartimeu, que grita: “Filho de Davi, tem compaixão de mim!”²² Bartimeu era um cego que mendigava no caminho. “Descreeve-se assim, por causa da ideologia que fecha seu horizonte (cego) e de sua dependência (mendigo) do judaísmo que a propõe”.²³ Esta descrição está atrelada a imagem dos discípulos, cegos pelo ideal de messianismo nacionalista que os domina e mendigos pela dependência do judaísmo que ainda os detém. Continuando o relato, Bartimeu dá um pulo, deixa seu manto e vai até Jesus que o cura. Marcos ainda diz: “No mesmo instante ele recuperou a vista e o seguia no caminho”.²⁴ Bartimeu é curado e adere ao seguimento de Jesus.

Aqui cabe deter-se para aprofundar os aspectos exegéticos do texto que ressaltam a intenção do autor de detalhar a ideia do discipulado. As perícopes analisadas Mc 8, 27-30 e Mc 10, 46-52 estão localizadas num mesmo lugar, no caminho. O termo *odós* (odós) se refere não apenas a estrada, mas a uma realidade ontológica, o caminho da vida ou a maneira de viver. Neste sentido há um uso muito específico, por exemplo, nos Atos dos Apóstolos, já que *odós* (odós) designa tanto o ensinamento cristão, como o próprio grupo, já que este conceito designava, como nome próprio, o cristianismo primitivo.²⁵

Na ação de Bartimeu, há outra imagem que evoca a atitude primordial do discípulo: a coragem com a qual Bartimeu responde ao chamado de Jesus. “E ele

²⁰ MESTERS, C., Jesus, p. 85.

²¹ MONASTERIO, R. A; CARMONA, A. R., Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos, p. 143.

²² Mc 10, 48

²³ MATEOS, J; CAMACHO, F., Marcos, p. 256.

²⁴ Mc 10, 52

²⁵ GONZAGA, W; ALMEIDA FILHO; V. S., Uma leitura linguística e teológica de Mc 10, 46-52, p. 6.

(Bartimeu), lançando fora seu manto, levantou-se com um pulo e foi até Jesus”,²⁶ esta imagem ressalta a prontidão ao chamado e abnegação de deixar tudo para seguir Jesus, pois “lançar fora o manto assinala o gesto de abrir mão das seguranças. Alguns donativos e aquilo que dava apoio ao cego para viver naquela situação eram depositados sobre seu manto, como moedas e alimentos”.²⁷ Bartimeu é uma referência de discípulo que não busca enclausurar Jesus em seus ideais, mas deixa-se conduzir por Ele até Jerusalém. Desta forma, os discípulos que percorreram com Jesus o caminho do discernimento de seu próprio chamado estão aptos para continuar o seguimento e, como Bartimeu que se desfaz de todas as seguranças, caminhar rumo ao Calvário.

No entanto, a cartilha do seguimento de Jesus, concebida por Mesters, conclui que mesmo após o seguimento dos discípulos, sua relação de proximidade e o fato de serem instruídos por Jesus, ainda há sérias incertezas e dúvidas. Não sem razão, os discípulos abandonarão Jesus na continuidade do relato. Serão as mulheres que os informarão que Jesus os precederá na Galileia. Contudo, a caminhada da Galileia à Jerusalém abriu a mentalidade dos discípulos para o modelo de messianismo encarnado por Jesus, que não era triunfalista e nacionalista, ou seja, o modelo davídico, senão que estava intimamente atrelado ao serviço e ao cuidado.

O retrato dos discípulos segundo a narrativa de Marcos é muito instigante, convivendo com Jesus eles ainda não compreendiam a plenitude de sua ação. Por isso, foi necessário recorrer o caminho da Galileia à Jerusalém como uma escola na qual eles fossem instruídos pelas palavras e exemplos do Mestre. É no paradoxo do seguimento e da confiança que o discipulado se desenvolve. A grande preocupação de Jesus, pelo menos capitada pela análise de Mc 8, 27-38 e da cartilha do seguimento de Jesus no Evangelho de Marcos, é a de ajudar no correto discernimento dos discípulos. Discernimento urgente para os Doze fazerem de seu discipulado uma efetiva continuidade da missão de Jesus, discernimento urgente para a Igreja de hoje fazer de sua evangelização (discipulado) uma efetiva continuidade da missão de Jesus e dos Doze.

2. Discernimento e discipulado: a força motriz do pontificado de Francisco

No cristianismo primitivo dos primeiros séculos há um relato apócrifo que desenvolve a ação apostólica de Pedro em Roma.²⁸ Nos *Atos Apócrifos de Pedro* há uma passagem na qual o apóstolo, por medo da perseguição de Agripa e a partir dos

²⁶ Mc 10, 50

²⁷ GONZAGA, W; ALMEIDA FILHO; V. S., Uma leitura linguística e teológica de Mc 10, 46-52, p. 14.

²⁸ A utilização desta imagem é puramente plástica e alegórica, de modo algum, por isso, afirma-se a historicidade do relato, mas sua composição imagética será utilizada para refletir a exigência do discernimento e do discipulado.

conselhos da comunidade de Roma, empreenderia a fuga daquela cidade para não ser morto. No entanto, diz a o relato apócrifo que “ele, ao sair pela porta, viu o Senhor que entrava em Roma. Ao vê-lo, disse: *Domine, quo vadis?* (Senhor, aonde vais?)”²⁹ Jesus responde a Pedro dizendo que ia a Roma, onde seria crucificado. Continua o relato: “Pedro, quebrantado em seu interior, após ver o Senhor que subia ao céu, retornou para Roma cheio de alegria e louvando ao Senhor pelo que lhe havia dito: Vou ser crucificado. Era isso exatamente o que iria acontecer com Pedro”.³⁰

A imagética deste relato, que devia ter um sentido profundo para alguma situação concreta desta comunidade cristã nos primeiros séculos, é pertinente para pensar a imagem do discipulado. A pergunta fundamental para qualquer pessoa que deseja colocar-se atrás de Jesus, isto é, segui-lo, deve ser: *Domine, quo vadis?* É válido mencionar que esta pergunta seria preciosa no diálogo do Evangelho de Marcos. Pedro, naquela situação, é repreendido por Jesus por não se colocar atrás dele e procurar segui-lo. Assim, buscar concretizar os caminhos de Jesus é a intuição mais acertada para aqueles e aquelas que desejam ser discípulos nos dias atuais. Diante das realidades sempre mutantes da sociedade e de suas inconsistências, o *leitmotiv* do discernimento contemporâneo deveria ser esta mesma pergunta: Senhor, diante desta realidade, aonde vais? Somente deste modo seria possível, como abordado nos relatos bíblicos acima analisados, permanecer fiel ao chamado de Jesus de colocar-se atrás dele e segui-lo. A imagem apócrifa é uma recordação e, ao mesmo tempo, um eco do itinerário do discipulado visualizado na seção anterior. Diante das incertezas, faz-se necessário recordar a condição de discípulo e empreender um discernimento à luz dos critérios aprendidos com Jesus. Neste sentido, o relato, alegoricamente, coloca Pedro diante de Jesus às portas de Roma.

Neste sentido, ao longo destes dez anos de pontificado do Papa Francisco (de 2013 a 2023) é possível afirmar que o discernimento foi a força motriz de seu ministério. Como sucessor de Pedro, o proceder de Francisco é fortemente marcado por palavras que convocam ao discernimento e ao discipulado. Desde a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (2013) à Encíclica *Fratelli Tutti* (2020), Francisco não tem se furtado a discernir e propor o discernimento como ferramenta para as grandes questões que assolam a Igreja Católica neste período. E discernir, no ideário de Francisco é colocar-se diante do Senhor, como um amigo que fala com outro amigo. Por último, em suas catequeses semanais, realizadas às quartas-feiras, Francisco abordou diretamente a questão do discernimento com quatorze catequeses pronunciadas entre agosto de 2022 e janeiro de 2023.

Diante desta inquietante constatação, de que o discernimento para o discipulado fecundo é uma preocupação do pontificado de Francisco e, como analisado anteriormente, uma exigência para o seguimento, é necessário refletir os critérios do

²⁹ ATOS apócrifos de Pedro, p. 65.

³⁰ ATOS apócrifos de Pedro, p. 65.

discernimento na contemporaneidade à luz dos escritos de Francisco, para que, assim como os Doze, os cristãos e cristãs de hoje saiam de sua cegueira, deixem o manto de suas seguranças e projeções para abraçarem o seguimento de Jesus.

2.1 *Evangelii Gaudium*

Como Pedro às portas de Roma, é possível imaginar seu sucessor Francisco, com os olhos voltados para todo o *orbe* cristão, dirigindo a mesma e inquietante questão formulada nos *Atos Apócrifos de Pedro: Domine, quo vadis?* Senhor, aonde vais no século XXI? Hipoteticamente a resposta que Francisco recebeu em seus momentos de discernimento não é conhecida, entretanto, o roteiro com o qual ele buscou orientar a Igreja em seu *caminho* de seguimento do Senhor foi publicado em 24 de novembro de 2013 sob o título *Evangelii Gaudium* (A Alegria do Evangelho).

O *caminho* traçado por Francisco é claro desde os primeiros parágrafos desta Exortação: “Convido todo o cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de O procurar dia a dia sem cessar”.³¹ Francisco entende peremptoriamente que na sociedade contemporânea é necessário o encontro com a pessoa de Jesus Cristo, encontro que orienta a vida e que a transforma. É necessário, como vislumbrado acima realizar o percurso da Galileia à Jerusalém para tornar-se *discípulo e missionário*.³² Pois “os que mais desfrutam da vida são os que deixam a segurança da margem e se apaixonam pela missão de comunicar a vida aos demais”.³³

Neste sentido, a mensagem principal da *Evangelii Gaudium*, o anúncio do Evangelho no mundo atual, está presente como preocupação central ao longo dos cinco capítulos da Exortação Apostólica. Na primeira parte argumenta-se que é necessário mudar a forma de evangelizar, deixar um modelo autorreferencial, centrado em suas próprias angústias e aflições e adotar a missionariedade como forma principal da ação eclesial, pois urge o imperativo de ser uma *Igreja em saída*. Por sua vez, o segundo capítulo, que contempla uma análise social, fortalece a imagem de que os seguidores de Cristo têm algo a aportar à sociedade, dom este tão precioso que é capaz de superar os desafios vigentes e analisados neste capítulo.

Já o terceiro capítulo propõe uma apurada reflexão sobre o anúncio do Evangelho e a vocação dos discípulos e missionários, recordando a imagem central de que Jesus Cristo não é uma ideia ou uma teoria, senão uma pessoa, cujo encontro é capaz de transformar a vida. O quarto capítulo apresenta a dimensão social da evangelização e os compromissos dos quais os cristãos não podem se furtar num mundo

³¹ EG 3.

³² EG 119.

³³ EG 10.

plural; acentuando também a opção preferencial pelos pobres e os quatro princípios fundamentais do pontificado de Francisco.

O quinto e último capítulo trabalha a ação do Espírito Santo na evangelização, revelando os contornos de uma evangelização orientada pelo Espírito que continua soprando e orientando a Igreja no mundo. Justamente neste capítulo parece que a pergunta que orientou a ação das primeiras comunidades cristãs, o retorno de Pedro a Roma na alegoria dos *Atos Apócrifos de Pedro*, a ação de tantas pessoas de boa-vontade ao longo dos séculos é respondida. Continuando a hipotética cena de Francisco indagando o Senhor com a pergunta: Senhor, aonde vais? A resposta presente na Exortação Apostólica é a seguinte:

Jesus quer que toquemos a miséria humana, que toquemos a carne sofredora dos outros. Espera que renunciemos a procurar aqueles abrigos pessoais ou comunitários que permitem manter-nos à distância do nó do drama humano, a fim de aceitarmos verdadeiramente entrar em contato com a vida concreta dos outros e conhecermos a força da ternura. Quando o fazemos, a vida complica-se sempre maravilhosamente e vivemos a intensa experiência de ser povo, a experiência de pertencer a um povo.³⁴

Eis aí a missão do discípulo contemporâneo: tocar a miséria humana, a carne sofredora da humanidade. Não é lícito ao cristão e a cristã dos dias atuais fugir à acolhida do drama humano. Assim como Pedro não deveria deixar Roma na cena apócrifa, como os apóstolos não deveriam manter-se no esquema messiânico triunfalista nos relatos de Marcos, hoje os cristãos e cristãs devem ser mestres em humanidade, profundos conhecedores das realidades e dos dramas humanos.

No entanto, parece justo questionar como a missão pode estar tão clara assim no pensamento e na encíclica de Francisco e, aparentemente, tão distante da ação cristã contemporânea? Como fazer deste imperativo de tocar a miséria humana uma missão pessoal e comunitária de cada cristão e de sua comunidade. Atento à dificuldade do discernimento e da escolha, Francisco não se furtou a buscar esclarecer o dilema do discernimento, visto que a opção por tocar a miséria é consequência prática da opção por seguir Jesus. Por isso, nos últimos meses de 2022 e início de 2023, o sucessor de Pedro refletiu, uma vez mais, sobre a importância do discernimento, elemento fundamental para todo e qualquer discipulado autêntico.

2.2 As catequeses sobre o discernimento: o itinerário contemporâneo do discipulado

A proposta catequética realizada pelo Papa Francisco nos últimos meses de 2022 compreende uma leitura completa do postulado do discernimento à luz da tradição inaciana. As catequeses tratam tanto do significado do discernimento como de

³⁴ EG 270.

características mais particulares como o valor do acompanhamento espiritual. Nestas audiências do Romano Pontífice transpassam temas como o exemplo de Inácio de Loyola, o conhecimento de si, a familiaridade com o Senhor, as consolações e desolações e etc. Temas que evocam de maneira muito particular a intuição de Inácio de Loyola para sua época e para a Igreja Universal. Como bom jesuíta, herdeiro espiritual de Inácio de Loyola, Francisco compartilha e atualiza, de seu modo, este tesouro tão fecundo e inesgotável diante da Igreja e da contemporaneidade.

Resgatar a importância do discernimento, atualmente, é o anúncio de que esta sociedade não está bem, possui uma profunda dificuldade na assimilação das escolhas e da vida, muitas pessoas deixam tudo por uma ilusão e não como no relato evangélico, por um tesouro inestimável ou pela pérola preciosa³⁵. Deste modo, as catequeses apresentam-se como um chamado de atenção e, principalmente, um roteiro, um guia para que cada um possa deliberar com confiança e consciência, com serenidade e coragem, sempre orientados pelo relacionamento com o Senhor.

Por isso, dentre os muitos elementos afirmados nas catequeses, faz-se necessário, por questão metodológica, dar notoriedade a dois: a familiaridade com o Senhor e o conhecimento de si, respectivamente a terceira e a quarta catequeses sobre o discernimento. A familiaridade com o Senhor pode ser traduzida como a catequese sobre a oração. Nesta, a maior preocupação é a imagem de Jesus que cada pessoa possui. Para isso o Sumo Pontífice retoma uma figura muito expressiva:

É significativo que o primeiro milagre realizado por Jesus no Evangelho de Marcos seja um exorcismo (Mc 1, 21-28). Na sinagoga de Cafarnaum, liberta um homem do demônio, livrando-o da falsa imagem de Deus que Satanás sugere desde as origens: a de um Deus que não quer a nossa felicidade. O endemoninhado daquele trecho de Evangelho, sabe que Jesus é Deus, mas isto não o leva a acreditar n'Ele.³⁶

Assim como com os discípulos, urge atualmente que cada seguidor e seguidora de Jesus se relacione com ele de maneira a livrar-se da falsa imagem que, devido a vários fatores sociais, culturais e religiosos, foi incorporada ao Senhor. É necessário relacionar-se com Jesus, deixar com que, ao longo do caminho, ele limpe os olhos de seus seguidores para que estes vejam a realidade como ela é e não como desejam. O caminho para gerar a intimidade com o Senhor é a oração profunda, ou, nos dizeres de Francisco: “A oração verdadeira é familiaridade e confiança com Deus. Não é recitar orações como um papagaio, blá-blá-blá, não. A verdadeira oração é aquela espontaneidade e afeto com o Senhor”.³⁷

³⁵ Mt 13, 44-46.

³⁶ FRANCISCO, PP., Audiência Geral de 28 de setembro de 2022

³⁷ FRANCISCO, PP., Audiência Geral de 28 de setembro de 2022

A partir deste relacionar-se com o Senhor, efetiva-se o afirmado na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*: “Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime”.³⁸ Assim, a relação íntima, fraterna e não mediada por uma forma deturpada de relação, revela ao ser humano o seu próprio ser, ou seja, possibilita o conhecimento de si mesmo. “A oração e o conhecimento de nós mesmos permitem-nos crescer na liberdade. Eis, é para crescer na liberdade! São elementos básicos da existência cristã, elementos preciosos para encontrar o próprio lugar na vida”.³⁹

Cabe ressaltar que a perspectiva do discernimento abordado pelo Papa Francisco, sucessor de Pedro, daquele mesmo Pedro que foi estudado ao longo do artigo, é a de caminhar com Jesus e aprender dele e com ele. Cada discípulo missionário, assim como Pedro, não pode se deixar iludir pela projeção do messias que os dias atuais desejam, mas deve seguir os passos de Jesus de Nazaré, Messias real com o qual é preciso caminhar, dialogar e aprender. Francisco, por suas palavras e exemplos, exorta cada um a caminhar interiormente com Jesus, realizando o mesmo itinerário referido no Evangelho de Marcos, da Galileia à Jerusalém, ou ainda, utilizando-se da intuição apócrifa, que diante das adversidades da evangelização, ir, como Pedro, ao encontro daquilo que, discernido, Jesus egeria como lugar privilegiado de sua missão.

Conclusão

Retomar à experiência evangélica de Marcos 8, 27-38 é reavivar o espírito do discernimento e a humildade de questionar o próprio caminhar cotidiano. Devida a institucionalização e a difusão social do cristianismo no Ocidente, a afirmação da divindade de Jesus é corriqueira, afirmá-lo como Deus e homem é quase um desdobramento natural da fé ocidental, entretanto, conhecê-lo faz-se mais difícil, pois muitas vozes ecoam com uma visão deturpada de Jesus, uma projeção do desejo e uma imagem idílica. Entretanto, numa sociedade que já tem por pressuposto o conhecimento de Jesus, há, no mínimo, o esquecimento de seu ser e a negação às interpelações que brotam de seus gestos e palavras.

Por isso, a experiência fundamental dos Doze retratada no itinerário do discipulado em Marcos é, de certo modo, atualizada nas catequeses sobre o discernimento. O discernimento, apresentado por Francisco, não está matizado, é aquele primeiro e fundamental para toda e qualquer eleição posterior, é o discernimento de apresentar a própria vida a Jesus e deixar com que ele se apresente a cada um. É o discernimento fundamental, pois como estudado, é o discernimento que transforma o olhar dos discípulos e que possibilita o retorno e a certeza de que, aconteça o que acontecer, Ele precederá e esperará na Galileia todos aqueles que desejarem reencontrá-

³⁸ GS 22

³⁹ FRANCISCO, PP., Audiência Geral de 5 de outubro de 2022



lo. Ele, Jesus, está presente onde tudo começou para ajudar no caminho à Jerusalém. Ele é o *princípio e fundamento* do discernimento e da vida da Igreja.

Referências Bibliográficas

ATOS Apócrifos de Pedro. São Paulo: Paulus, 2019. (Coleção Apocrypha)

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 8. impr. São Paulo: Paulus, 2012.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo atual. In: DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 2001. (Clássicos de Bolso)

FRANCISCO, PP. **Audiência Geral de 31 de agosto de 2022**: Catequeses sobre o discernimento 1. O que significa discernir? Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2022/documents/20220831-udienza-generale.html>>. Acesso em 28 fev. 2023.

FRANCISCO, PP. **Audiência Geral de 7 de setembro de 2022**: Catequeses sobre o discernimento 2. Um exemplo: Inácio de Loyola. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2022/documents/20220907-udienza-generale.html>>. Acesso em 28 fev. 2023.

FRANCISCO, PP. **Audiência Geral de 28 de setembro de 2022**: Catequeses sobre o discernimento 3. Os elementos do discernimento. A familiaridade com o Senhor. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2022/documents/20220928-udienza-generale.html>>. Acesso em 28 fev. 2023.

FRANCISCO, PP. **Audiência Geral de 5 de outubro de 2022**: Catequeses sobre o discernimento 4. Os elementos do discernimento. Conhecer-se a si mesmo. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2022/documents/20221005-udienza-generale.html>>. Acesso em 28 fev. 2023.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium** sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html> Acesso em 22 mar. 2023.

GONZAGA, W.; ALMEIDA FILHO, V. S. Uma leitura linguística e teológica de Mc 10, 46-52: um itinerário de seguimento iluminado. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. xx, n. 1, p. 1-18, jan.-dez. 2022.



MARCEL, Gabriel. **Homo Viator**: Prolegómenos a una metafísica de la esperanza. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2005.

MASCILONGO, P; LANDI, A. **Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022. (Introdução aos Estudos Bíblicos)

MATEOS, J; CAMACHO, F. **Marcos**: texto e comentário. São Paulo: Paulus, 1998. (Coleção comentários bíblicos)

MESTERS, C. **Jesus formando e formador**. São Leopoldo: CEBI, 2012.

MONASTERIO, R. A; CARMONA, A. R. **Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos**. Vol. 6. São Paulo: AM Edições, 1994. (Introdução ao Estudo da Bíblia).

Lucas Cordeiro Santos

Graduando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Campinas / SP – Brasil

E-mail: lucas.cs13@puccampinas.edu.br

Recebido em: 30/03/2023

Aprovado em: 03/06/2024